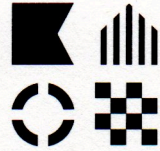


Contributos para a História do livro-objecto/brinquedo em Portugal: alguns volumes de fazer Oh!

Diana Maria Martins¹ and Sara Reis da Silva²

id5362@alunos.uminho.pt, sara_silva@ie.uminho.pt

[Ilustração / Illustration]



Abstract

This study consists of a brief theoretical reflection on “toy books” for children, understood as an important publishing form in the formation of a pre-literary competence. It aims at moving forward with a proposal for a typological classification based in its characteristics and current trends, by means of a representative sample of toy books available in Portuguese publishing market, in the 50s, 60s and 70s of the 20th century. In fact, despite the growing vitality and experimentalism that have guided the contemporary edition for childhood, there are still few studies that reflect on the problematization and theorization related to these atypical volumes, which legitimates the relevance of our study. We will focus our attention and our analysis, theoretically supported by concepts and subjects situated in the field of Literary Studies, Textual Analysis and Hermeneutics and Design, on a textual corpus composed by the following titles (according to the date of the Library catalog National) – *Tiçãozinho o “Rei da Bola”*, de Gabriel Ferrão (Agência Portuguesa de Revistas, 1956), *Um passeio do cordeirinho* (Majora, 1959), *Josézito [sic] Pequenito* (Majora, 1964/65), *A menina do Capuchinho Vermelho*, de Costa Barreto (ilust. de César Abbott) (Majora, 1965) e *Tão úteis os animais* (Majora, 1971). The study begins with a brief characterization of the object book/toy, followed by a note about portuguese children’s literature in the Estado Novo period, as well as an analytical reflection about a set of toy books, a textual corpus comprising five titles, in an attempt to perceive the origins of these ludic objects in our country and aiming at contributing to the History of the object book inscribed in children’s literature in Portugal.

Introdução

É propósito fundamental desta breve reflexão a problematização dos traços verbo-icónicos distintivos de algumas obras que têm na criança o seu destinatário extratextual preferencial, editadas em Portugal, nos anos 50, 60 e 70, do século XX³, todas no âmbito de livro-objecto/brinquedo. Este estudo, assumido como uma abordagem preliminar, insere-se no trabalho de investigação em torno do livro-objecto que temos vindo a

Keywords

Children's literature, toy book, illustration, literacy.

¹ & ² Universidade do Minho, Instituto de Educação, Campus de Gualtar - Braga, Portugal.

³ Intervalo temporal definido tendo por base a data de publicação apurada por via da consulta do catálogo da Biblioteca Nacional, dado que os referidos volumes não apresentam qualquer referência ao ano de edição.

concretizar no âmbito do curso de Doutoramento em Estudos da Criança na especialidade de Literatura para a Infância, no Instituto de Educação, na Universidade do Minho. Por via da mobilização de conhecimentos do âmbito dos estudos literários e das técnicas de análise textual, mas também do design e da ilustração, intenta-se contribuir para a definição deste tipo de edição, para a diferenciação de volumes que poderão integrar algumas das suas tipologias, bem como para a História do livro-objecto inscrito na Literatura para a infância em Portugal, um campo investigativo ostensivamente lacunar. Este estudo inicia-se com uma sucinta caracterização do livro-objecto/brinquedo, seguindo-se um apontamento breve sobre a literatura para a infância em Portugal no período do Estado Novo e de uma reflexão analítica acerca de um conjunto de livros-brinquedo, a partir de um *corpus* textual⁴ que compreende cinco títulos (segundo data apurada por via da consulta do catálogo da Biblioteca Nacional) – *Tiçãozinho o “Rei da Bola”*, de Gabriel Ferrão (Agência Portuguesa de Revistas, 1956), *Um passeio do cordeirinho* (Majora, 1959), *Josézito* [sic] *Pequenito* (Majora, 1964/65), *A menina do Capuchinho Vermelho*, de Costa Barreto (ilust. de César Abbott) (Majora, 1965) e *Tão úteis os animais* (Majora, 1971). Será feita uma abordagem interpretativa de um *corpus* exemplificativo, fixado a partir de critérios como a diversidade verbo-icónica ou a variedade de modos e géneros literários e de registos visuais, para, assim, concluir acerca das estratégias discursivas (linguísticas e ilustrativas) e/ou mecanismos retórico-estilísticos mais relevantes dos livros-brinquedo editados no contexto nacional no período do Estado Novo.

Para uma definição/caracterização do livro-brinquedo para a infância durante o Estado Novo

As variadas manifestações estéticas consubstanciadas em livro que compõem a actual literatura para a infância de potencial recepção infantil têm-se pautado por um crescente experimentalismo e dinamismo, conjuntura que incita a uma contínua e assídua reflexão teórica e analítica, numa tentativa de sistematização (processo nem sempre simples ou claro) das suas tendências mais recentes [14]. Ornadas por características atípicas, as obras vindas a lume nos últimos anos inscrevem-se na senda de um crescente interesse pela linguagem visual, gráfica e material do livro, cuja variedade de designações reflecte a manifesta hesitação terminológica relativa a estes objectos. São vários os termos usados para nomear estes volumes desde livro móvel, livro animado, livro interactivo ou tridimensional, passando por *movable books*, *novelty books*, até livro-objecto, por exemplo, entre outros. Todavia, a denominação mais generalizada passa pelo termo *pop-up* que, na verdade, corresponde a apenas uma das tipologias que, muito particularmente, se restringe à exploração de elementos tridimensionais que fazem a ilustração “saltar da(o) página/livro” [11] [12] [14] [17] [21s]. Na ausência de uma denominação consensual suficiente-

4 A este respeito, devemos deixar registado o nosso sincero agradecimento ao Senhor Carlos Anjos, colecionador de brinquedos, que reuniu todo o espólio presente no Museu do Brinquedo Português de Ponte de Lima (inaugurado em 2012) e que, muito gentilmente, nos permitiu consultar grande parte das obras aqui analisadas.

mente abrangente, consideramos mais adequada a expressão de índole mais lata livro-brinquedo, atendendo à prevalência de uma dimensão lúdica e de uma apreensão mais livre e próxima/palpável/física. Deste modo, importa, desde já, tornar claro que, com a designação livros-brinquedo, pretendemos referir-nos aos volumes cuja configuração gráfica – ao nível da dimensão/do formato, do material (tecido, plástico ou esponja, por exemplo), da adição de estratégias gráficas/mecânicas (abas, discos giratórios, por exemplo) – se distingue das mais comuns, revestindo-se de uma notória essência lúdica, experimental e/ou interactiva.

No decurso da crescente valorização da materialidade do suporte, decorrente da abertura a outras artes como a escultura, a arquitectura, ou o origami, por exemplo, aliados a um fácil acesso a uma vasta oferta de materiais, de processos de impressão e encadernação, é observável a concretização de obras, não raras vezes, de assinalável complexidade e sofisticação, onde se constata a alteração das condições habituais de leitura e do papel normalmente passivo atribuído ao leitor [14] [11] [12]. As dificuldades de categorização destas produções são notórias, facto que decorre do hibridismo destas publicações, que, se, durante anos, se limitavam à exploração, maioritariamente, de apenas um mecanismo por livro, agora, conjugam, muitas vezes, vários mecanismos bidimensionais e tridimensionais num só volume, convertendo-o num objecto de inesgotável prazer estético [21]. É precisamente o acentuado propósito lúdico destas obras, distinto das demais publicações pelo factor surpresa, que o conhecido engenheiro de papel Robert Sabuda nomeia de «momento Oh!», que caracteriza o vasto e inesgotável universo de livros-brinquedo [21] [23]. A atracção dos leitores pelo desconhecido/inesperado ao virar da página contribui para a tradicional popularidade destas obras, aproximando-as da aceção de brinquedo e do domínio do entretenimento. As inovações materiais de que se servem têm, ainda, em vista a interacção/participação do leitor, uma manipulação física ou sensorial que provoca efeitos de movimento, de transformação e/ou de tridimensionalidade, por exemplo, e que acresce às três dimensões (altura, largura, profundidade) o factor tempo, concedendo, em última instância, uma vitalidade física a estas obras [21]. De acordo com Marta Sánchez (2015), na sua tese de doutoramento intitulada *Pop-up! La arquitectura del libro móvil ilustrado infantil*, o trabalho do engenheiro de papel deve, deste modo, passar pela combinação equilibrada entre a ilustração, os elementos interactivos (de natureza mais mecânica do que escultórica) e a tridimensionalidade, com os quais este criador joga, manobrando os conceitos de antes e depois e mostrando ao leitor aquilo que o mesmo é capaz de fazer [21].

Na verdade, a história do livro-brinquedo não é recente, como se possa, à primeira vista, pensar, remontando, na verdade, à Idade Média. Todavia, o romper dos limites da bidimensionalidade do papel no domínio das obras para a infância faz-se apenas a partir do século XVIII, pois, até então, a sua aplicação restringia-se a obras de recepção adulta [11] [12] [23]. No contexto nacional, é de destacar a desconstrução criativa das características formais do livro por iniciativa de casas editoriais como a Editorial Infantil Majora, empresa portuguesa de jogos, brinquedos e

livros fundada no Porto, em 1939, pelas mãos de Mário José de Oliveira (1908-1995) – antropónimo que, decomposto (“ma”; “jo”; “ra”), dá origem à designação da empresa. É este empresário que aposta em aspectos como a interactividade e/ou no envolvimento lúdico e emocional do leitor com os livros, colocando os objectos em causa à venda a preços acessíveis. Os volumes sobre os quais centramos a nossa atenção, editados, entre as décadas de 50 e 70 do século XX, pela Majora e pela Agência Portuguesa de Revistas, evidenciam, em termos de conteúdo, a tendência dominante à ocasião de valorização formativa da literatura em função dos valores defendidos pelo Estado Novo, em detrimento da sua vertente estética ou de fruição, ao mesmo tempo que surpreendem pela originalidade (ainda que aquém da qualidade das edições internacionais) do formato e/ou das estratégias gráficas adicionadas. Com efeito, é de assinalar a instrumentalização formativa destas obras à luz dos ideais do regime, sendo caracterizadas pelo elogio do trabalho, pelo culto da ruralidade e pela presença de traços de portugalidade, por valores como a família, a humildade, a obediência, o asseio, a religiosidade, pelo gosto pela folclorização, bem como, do ponto de vista estilístico, por uma certa infantilização do discurso e pela interpelação directa do leitor [2] [9].

Livros-objecto/brinquedo: alguns exemplos

Tomaremos como início a análise de um volume da Agência Portuguesa de Revistas, recortado de acordo com a silhueta da(s) figura(s) ilustrada(s) na capa. *Tiçãozinho o “Rei da Bola”* [5], datado de 1956, segundo o catálogo da Biblioteca Nacional, com texto e desenhos da responsabilidade de Gabriel Ferrão⁵. *Tiçãozinho o “Rei da Bola”*⁶ é um volume de capa mole, de discurso todo ele rimado, vivo marcado pelo humor, pelo jogo de sonoridades, e pela interpelação directa ao leitor «Chuta aqui, chuta acolá/ amiguinhos vejam lá». Num claro elogio à instrução escolar e aos valores católicos, o texto retrata a vida do pequeno Tiçãozinho, menino negro que vive «lá nos confins do sertão,/ onde os bichos são ferozes/ e os “bambis” correm velozes/ perseguidos p’lo leão», que jogava bem à bola e o encontro deste com um caçador que o leva para Lisboa. Reconhecendo em Tição a «fibra de campeão», o caçador questiona-o se estudara na Missão e, afirmando que sim, Tição esclarece que «Aprendi a amar a Deus/ que nos guia lá dos céus/ a escrever e a contar». Encantado pela simplicidade do menino, o caçador leva-o para Lisboa onde este continua a estudar e a jogar, onde «muito em breve se tornou,/ campeão da sua escola./ Era tal o seu jeito [sic]/ que por todos foi eleito/ Don [sic] Tição o “Rei da Bola”». A componente imagética distingue-se pelo uso de cores

⁵ Gabriel Ferrão foi escritor e ilustrador (por vezes, em simultâneo) de cerca de uma centena de livros, adaptados da tradição popular ou originais próprios da responsabilidade da Editorial Majora e da Agência Portuguesa de Revistas. De acordo com Garcia Barreto (2002), terá ainda colaborado no «Gente Miúda», um suplemento infantil destacável do «Jornal do Exército» [3].

⁶ Convém, talvez, lembrar que, ao longo deste volume (mas também de outros que integram o nosso corpus), se observa a presença de diversos erros ortográficos.

⁷ Atendendo ao universo semântico e ao próprio contexto histórico-cultural da edição do volume em análise, importa assinalar que semanticamente o vocábulo Tição está relacionado com significados como “pedaço de lenha aceso ou meio queimado; brasa; carvão; pessoa muito suja ou enfarruscada; pessoa muito morena ou muito escura” [1].

fortes, algo próximas do desenho animado, e pela inclusão de animais não mencionados no texto que, além de permitirem a identificação do contexto selvagem, possibilitam, em última instância, o alargamento do vocabulário e do conhecimento do mundo.

Talvez seja, ainda, importante lembrar o contexto histórico-cultural subjacente à edição desta obra. Na verdade, o colonialismo foi um factor central na História do Estado Novo. Com efeito, a ideologia colonialista tinha «o objectivo declarado de salvaguardar o património colonial português das ambições estrangeiras e de o converter num Império» [13]. Como tal, à ocasião, o racismo gozava em Portugal de uma «espécie de estatuto político» [13] (à semelhança de outros contextos europeus), encontrando-se legitimado, no contexto nacional, pelo *Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique*, promulgado em 1954. Neste último, ficava claro que as pessoas de pele branca eram consideradas *a priori* sujeitos civilizados, ao passo que os negros «tinham de provar a sua civilização por meio de testes estabelecidos pelas autoridades coloniais e, se fossem aprovados, tornar-se-iam assimilados» [13], sendo, portanto, evidente a desigualdade de direitos que pautava a classificação etnológica, distinguindo civilizados e indígenas, uma classificação a partir da qual estes últimos eram vistos como «sujeitos coloniais sem direitos cívicos nem políticos e compelidos ao trabalho obrigatório pelas autoridades coloniais» [13]. Todavia, a pressão internacional conduziu à alteração do estatuto político das colónias portuguesas, passando as províncias ultramarinas a ser parte integrante da Nação Portuguesa, por via de uma doutrina integracionista empreendida na década de 1950 [13].



Segue-se a análise de um livro com som⁸ *Um passeio do cordeirinho* [20], um livro das Edições Majora, sem qualquer referência ao autor nem ao ilustrador, nem datado, mas em cujo catálogo da Biblioteca Nacional se aponta para 1959 como ano de lançamento. Volume de capa mole e recortado que, quando pressionado numa zona assinalada pertencente à coleira do protagonista, emite um som⁹, que depreendemos corresponder ao som do cordeirinho. No entanto, devido ao precário estado de conservação do volume consultado, já não é possível ouvir-se qualquer som. A narrativa principia com uma auto-caracterização do

protagonista, um cordeirinho, o filho mais novo de uma ovelha, que vive numa quinta, juntamente com um burro, galinhas e um gato, figura com quem tinha grande proximidade. Invejando a sorte do gato que, em novo,

Fig. 1. Capa de *Tiçãozinho o "Rei da Bola"* (s/d), de Gabriel Ferrão [5].

8 Refira-se, ainda, a existência de, pelo menos, um outro título de configuração semelhante, *Os dois periquitos na colónia de férias*, segundo o catálogo da Biblioteca Nacional publicado, também, em 1959.

9 Na opinião de Garcia Barreto “aos livros em pano ou em cartão, que tinham a dupla finalidade de ser livro sendo também brinquedo manuseável, deve juntar-se o livro sonoro, normalmente em formato álbum. No livro sonoro a criança pode alternar a leitura da história com a brincadeira, divertindo-se ao carregar em determinada parte do livro, produzindo um som, quase sempre associado à ilustração da capa – uma casa, um animal, etc. A Editorial Infantil Majora, do Porto, foi também pioneira neste campo dos livros para crianças. Exemplo deste tipo de livro é «Os ursinhos desportistas», DL 1959” (2002: 311) [3].

se aventurava por passeios, o protagonista decide partir, sucedendo-se o relato de todas as peripécias vividas, num discurso proferido na primeira pessoa, de organização simples e de ordem cronológica. Ainda que «cansado e aborrecido» e perdido ao fim de pouco tempo, o cordeirinho acaba por, inesperadamente, viajar de comboio até à aldeia, encetando, de seguida, um discurso descritivo, pormenorizado e pontuado pela adjectivação dos vários elementos e/ou animais e contextos espaciais (a aldeia, o prado, a floresta) que vai observando. Ao longo desta aventura, o cordeirinho vai conhecendo animais diversos e estabelecendo breves diálogos. A componente verbal distingue-se pela presença de marcas de proximidade com o leitor ouvinte como «Mas já vi tanta coisa que vão ficar admirados!» ou «Mal o comboio parou, que vejo eu?». O volume encerra com o regresso a casa. O discurso visual, que ocupa quase a totalidade das páginas, de natureza realista, fazendo uso da técnica de aguarela é, portanto, rico em detalhes. Além disso, sublinha o intuito informativo de veiculação de conteúdos relativos à temática animal e à natureza desta obra, proporcionando um interessante exercício de observação. As guardas decorativas apresentam alguns animais ilustrados em tons de cinza.

A Majora é, igualmente, responsável pela vinda a lume de alguns livros perfurados na zona dos olhos ou do rosto da personagem¹⁰ impressa na capa desses volumes. Entre estes, estão obras como *Josézito Pequenito* [18], obra sem qualquer referência ao autor nem ao ilustrador, nem mesmo com data de edição. Todavia, o catálogo da Biblioteca Nacional apresenta o registo de duas edições uma de 1964 e outro de 1965. Perfurado na zona dos olhos, sempre com o mesmo cortante, este volume de capa mole apresenta, na última página, os olhos do protagonista em impressão holográfica, o que faz com que o protagonista pisque o olho alternadamente, de acordo com o movimento que o leitor imprime ao objecto-livro. Cada página da direita apresenta a



figura do Josézito [sic] em grande plano, com uma indumentária diferente de acordo com as personagens que o mesmo vai encarnando ao longo do relato. Contudo, em todas as ilustrações, mantém-se a mesma expressão facial sorridente. Valorizando a noção de intertextualidade (e intericonicidade), este livro dá a conhecer os sonhos de Josézito [sic], um «pobre garoto», mas «menino feliz» que, por saber ler e escrever, à noite, lia as histórias que lhe davam e, com elas, sonhava «ser o herói desses contos de encantar». Escapando da sua vida agreste, em sonhos, torna-se o gato das botas do Marquês de Carabás, o alfaiate que «matou sete [moscas] numa assentada», o pequeno João dos feijões mágicos, o «Mestre Reco, o mais sábio dos Três Porquinhos», e aquele que era o seu herói favorito: Robinson Crusoe. Encarnado neste último, acaba naufragado numa ilha onde

¹⁰ Entre estes encontram-se os títulos *Olá amigos* (1971) e *Os três porquinhos e o lobão* (1971), bem como adaptações de contos tradicionais como *Branca de Neve e os sete anões* (1971), sendo que, nestes três livros, a componente icónica é da responsabilidade da Walt Disney.

Fig. 2. Capa de
Um passeio do cordeirinho (s/d), da Editorial
Majora [20].

«quase sem nada, conseguiu fazer tudo quanto precisava para viver como um rei». Aí salva um «pequeno selvagem» a quem dá o nome de «Sexta-feira» e a quem ensina a sua língua e a servi-lo dedicadamente¹¹. Sublinhe-se, aqui, a figura do negro e a alusão à superioridade do colonizador. Ainda enfrenta uma piratas que tentam apoderar-se da sua ilha, regressando depois à sua Pátria «onde escreveu as suas maravilhosas aventuras». Esta referência a uma certa heroicidade por feitos de descoberta¹² e de exploração do outro, bem como a referência à Pátria não são em nada inócuas se considerarmos o esforço de propaganda do Estado Novo e exaltação da narrativa nacionalista e imperial. A última personagem que Josézito [sic] interpreta é a do «Resingão» [sic], figura presente no conto da Branca de Neve e os Sete Anões. Já de volta à realidade, Josézito [sic] descobre um «velho cofre cheio de maravilhosas moedas de oiro» enquanto trabalha com o pai. Esta obra encerra, deste modo, com um desfecho positivo, atendendo à nova vida farta do protagonista e com um tom moralista, que vem reforçar a chamada de atenção do autor, notória ao longo do volume para uma riqueza não material: «Mas acreditem que nunca mais teve nada tão belo como aquilo que, sonhando, por vezes julgara ter. Agora, ainda



sonha de vez em quando, mas os seus sonhos são cada vez mais pobres. Agora o Josézito é um pobre menino rico». Deste modo, a figura ilustrada na capa, de roupas remendadas, em trajes de menino pobre e com este mesmo livro na mão, dá lugar, na contracapa, a uma figura de roupas cuidadas, de bola na mão e sapatos brilhantes. Num discurso vivo e rico em sonoridades, aberto a partir da fórmula hipercodificada de abertura «Era uma vez», a componente verbal conta, ainda, com interações directas ao leitor, como, por exemplo, «E vejam bem, amiguinhos, quanto pode a fantasia! De quanto ela é capaz!», ou «Decerto os meus amiguinhos ainda estão bem lembrados dos três porcos rolicinhos, alegres e engraçados», e ainda, «Como estão vendo,

Fig. 3. Capa de *Josézito Pequenito* (s/d), da Editorial Majora [18].

imaginação não faltava ao Josézito [sic]. E que maior riqueza se pode ter do que tal imaginação, que faz viver tão belas aventuras?».

11 Importa, talvez, sublinhar aqui a relação de proximidade entre *Josézito Pequenito* e *As aventuras de Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe. Com efeito, «o náufrago Robinson Crusoe de Daniel Defoe reproduz, em uma ilha deserta, a civilização moderna com a ajuda de Sexta-Feira, um indígena que lhe serve de criado» [16] regressando posteriormente a Inglaterra. Em 1967, este texto matriz é alvo de uma reavistação inovadora a cargo do francês Michel Tournier, por via da qual se «aponta para as absurdidades do preconceito, da escravidão e da busca incessante pelo capital» [16].

12 Recorde-se que «após a Segunda Guerra Mundial, o então líder de Portugal, António Salazar tentou manter intacto o que restava do império pluricontinental, num momento em que outros países europeus estavam já a iniciar a descolonização dos seus territórios. Em 1961, as tropas portuguesas em Goa foram incapazes de impedir o avanço das tropas indianas que marcharam para a colónia em número superior. Salazar deu início a uma guerra (a Guerra Colonial Portuguesa) com o objectivo de eliminar as forças anticoloniais em África, a qual durou até à queda do regime em 1974». In https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Portugu%C3%AAs

Possuindo em certa medida como hipotexto a versão dos irmãos Grimm (ainda que apresentando alguns elementos desviantes), *A menina do capuchinho vermelho*¹³ [4], de Costa Barreto (1914-1973) e com ilustrações de César Abbott (1910-1977), corresponde a uma narrativa que principia com a despedida da menina e a sua passagem pela floresta. Esta publicação apresenta uma disposição horizontal e ostenta uma componente pictórica composta pela técnica do *pop-up* de plano frontal, fazendo parte de um conjunto de recriações de contos tradicionais, como *A gata borralheira* (1963) ou *Branca de Neve e os 7 anões*, por exemplo, não datados, uma colecção que tem por designação «Livro infantil com relevo». No *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*, António Garcia Barreto dá conta da existência destes livros de armar ou em relevo no início dos anos 60. Segundo este «não se construíram com base em histórias de autores portugueses, mas quase sempre recreando conhecidos contos de fadas. Ao abrir o livro de páginas de cartolina, a criança via a história *armar-se*, como que ganhando vida, podendo em muitos casos tomar parte activa na história, movimentando alguma personagem ou zona do *cenário*» (2002: 312). Retomando a análise d' *A menina do capuchinho vermelho*, convém assinalar a presença de alguns animais, figuras marcadas pela preocupação e advertência face ao perigo «Uns senhores Coelho, que por ali andavam a passear, ficaram espantados com a coragem da Menina. Certo passarão, que tinha o ninho numa das árvores, piou: «Mau negócio, mau negócio!» e mestre Pato, sempre pronto a dar conselhos, grasnou: - Tem cuidado com o Lobo Mausão [sic], Capuchinho! Olha que ele é sabidolas e atrevido...». Ainda que observada pelo «Lobo Mausão [sic]», este não chega a estabelecer diálogo com a menina, antes corre apressadamente para casa da avó, e, comendo-a, coloca os seus óculos e mete-se na cama a aguardar a sua chegada. Saliente-se o modo como a falsa avó convida a «netinha» a entrar: «-Entra, entra depressa, minha netinha, que estou cheia de apetite e morta por te ver!». Ao longo do relato, os animais assumem grande importância no processo de apreensão do(s) sentido(s) tanto na componente verbal¹⁴, como no discurso imagético¹⁵. O lobo vestido de «falsa avó», dizendo ir dar a benção à protagonista, tenta comê-la. No entanto, surge um lenhador (e não o comum caçador) que o mata com o auxílio de um machado, retirando a avó ainda viva. Assinale-se, ainda, o final deste reconto, elemento distinto da sua matriz «-Vai, vai em boa hora, minha rica Menina, e volta amanhã com outro bolo de chocolate! E a Capuchinho Vermelho foi para casa, tendo muito que contar...». Facto, igualmente, interessante é a presença da figura da Nossa Senhora num quadro sobre a cama da avó e de um retrato cuja figura masculina se pode depreender tratar-se do avó que já deve ter falecido. Registe-se, também,

13 Este volume parece ter sido publicado em 1965, fazendo parte da Série Relevo da Editorial Majora [2].

14 Além das suas falas fazerem prever a ocorrência de um acontecimento trágico logo no início do relato, quando a menina entra na casa da avó, dá-se conta, igualmente, da aflição dos animais «A bicharada, que sabia estar lá dentro o Lobo Mausão [sic], ficou affita. E D. Burro zurrou mesmo, lá da cerca: - O Lobo Maução tem os dentes tão grandes e tão afiados! Pobre do Capuchinho!!! Era tão boa menina...».

15 Ao longo do discurso visual, é possível observarem-se vários animais que se escondem com medo do lobo, bem como um cão e um gato preto ilustrados, com um ar desconfiado, cada vez que o lobo surge com o seu ar ameaçador e de dentes arreganhados.

a presença de um pombal sobre o telhado tanto da casa da Menina do Capuchinho como da casa da avó, de onde saem pombas brancas, aves cuja simbologia repousa essencialmente na ideia de pureza.



a par da própria aparência gráfica do volume, das opções cromáticas e dos detalhes visuais, autorizam a filiação deste livro no domínio da recepção pré-leitora. A cada página é graficamente representado um animal em conjunto com os produtos que derivam deste, ou daquilo que esse animal tem para “oferecer” ao ser humano, por exemplo, a vaca com a manteiga e o leite, os patos com a almofada de penas, os porcos com os pincéis e um presunto, etc. Os animais, retratados com grande rigor, sempre inscritos numa mancha circular que vai variando de cor, facto que permite além do alargamento do léxico e do conhecimento do mundo, a aquisição do conceito



Tão úteis os animais [19], vindo a lume, segundo o catálogo da Biblioteca Nacional em 1971, inscreve-se numa vasta colecção de livros publicados em pano, maleáveis e resistentes, pela Editorial Infantil Majora, um conjunto de volumes de baixo custo.

A simplicidade lexical e frásica, surgem acompanhados por um discurso textual contido sob a forma rimática. Inscrito na tipologia do livro-catálogo [15] ou, de um modo particular, tal como preconizado por Sara Reis da Silva, num breve estudo dedicado ao livro formativo ou informativo, ao livro de conceitos ou aos livros enumerativos ou acumulativos, nestes, importa, sobretudo, a objectividade e a veiculação de conteúdos [22]. O discurso verbal é, portanto, simples e rimado (o segundo verso rima com o último) marcado pela adjectivação, pelo uso de diminutivos e por um estilo coloquial que confirma

a intencional proximidade do relato do potencial leitor «com as penas dos patinhos/ enchemos as almofadas,/ que dão aos meus leitorzinhos/ sonecas mais regaladas» (sublinhado nosso) faz-se acompanhar de um registo ilustrativo colorido, de cariz realista e pormenorizado.

Considerações Finais

Situadas num limbo entre o livro-objecto e o objecto-brinquedo, não obstante as diferenças existentes em termos de materiais e tipologias editoriais, na globalidade, as obras levadas a análise divergem do modelo tradicional do livro, sendo evidente um maior investimento na componente gráfica no que respeita à materialidade e à sua construção [14]. Contudo, a originalidade da configuração gráfica que faz uso de recursos sonoros, de efeitos visuais, de formatos incomuns e da tridimensionalidade, por exemplo, ainda que cativando os mais pequenos pela diferença

Fig. 4. Páginas de *A menina do capuchinho vermelho* (s/d), de Costa Barreto (ilust. de César Abbott) [4].

Fig. 4. Página de *Tão úteis os animais* (s/d), da Editorial Majora [19].

de apresentação, segue de perto os objectivos ideológicos e didácticos que marcam a concepção vigente da literatura para a infância no período do Estado Novo. Deste modo, ainda que partilhando com a actualidade a aposta na valorização da materialidade, da componente interactiva e lúdica do livro e da leitura e do papel interventivo do leitor, entendido como um fazedor/actor, estas obras negligenciam manifestamente a dimensão literária e estética do texto, colocando-o ao serviço de propósitos pedagógicos, educativos e moralizantes [2] [9]. Se, hoje, o livro-brinquedo goza de um duplo destinatário, atraindo quer miúdos quer graúdos, que fazem destes livros objecto de colecionismo, no período em análise, é inegável que se trata de obras que têm nas crianças o seu destinatário explícito e, de um modo mais particular, as crianças portuguesas, num determinado período histórico [2] [9]. Marcadas pelas tradições autóctones, pela alusão a hábitos e pormenores assimilatórios, de valores como a pobreza, a humildade, a obediência, a família, a religião, o patriotismo ou a ruralidade, as obras analisadas reflectem uma infantilização da linguagem (pela presença de diminutivos, por exemplo), o gosto pela descrição (aliado, por vezes, ao diálogo), a interpelação directa do leitor, ao serviço da glorificação do regime e do ensinamento moral [2]. Em suma, restringidos por certas regras ou proibições gráficas e limitações temáticas ou relativas ao conteúdo que, naturalmente, condicionaram em maior ou menor grau a qualidade literária destas publicações, estes volumes sobressaem na História da literatura para a infância como obras que apostam na veiculação divertida e informal de conhecimento, funcionando como ferramentas educacionais em sintonia com os objectivos ideológicos e didácticos muito específicos [2] [9].

Referências

1. AA.VV. Dicionário da Língua Portuguesa. Porto Editora: Porto (2014).
2. Bárbara, M.: Os contos de Perrault em Portugal no Estado novo. Doutoramento em Letras na especialidade de Teoria, História e Práticas da tradução. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra, Coimbra (2014), <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/23758>.
3. Barreto, A. Garcia.: Dicionário da Literatura Infantil Portuguesa. Campo das Letras, Porto (2002).
4. Barreto, Costa: A menina do capuchinho vermelho Majora, Porto (s/d).
5. Ferrão, Gabriel.: Tiçãozinho o “Rei da Bola”. Agência Portuguesa de Revistas, Lisboa (s/d).
6. Lemos, E.: A literatura para a infância em Portugal. Ministério da Educação Nacional, Lisboa (1972).
7. Luís, C.: Identidade e Design – Revalorização do património visual da Majora. Tese de Mestrado em design gráfico. Escola superior de Artes e Design, Caldas da Rainha, <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/1633>
8. Manson, M. História do brinquedo e dos jogos. Brincar através dos tempos. Teorema, Lisboa (2002).
9. Patriarca, R.: O livro infantil entre 1870 e 1940 – Uma Perspetiva Histórica. Tese de doutoramento em História. Faculdade de letras da Universidade do Porto, Porto, https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=487454
10. Pelachaud, G. Livres animés du papier au numérique. L’Harmattan, Paris (2010).

11. Pelachaud, G. Livres animés. Entre papier et écran – histoire/techniques/créations/perspectives. Pyramyd, S/L (2016).
12. Phillips, Trish & Montanaro, Ann. The practical step-by-step guide to Making Pop-ups & Novelty Cards. Lorenz Books, Wigston (2011).
13. Pimenta, F.: A ideologia do Estado Novo, a Guerra Colonial e a Descolonização em África. In: Freire, João. (coord.). Historiografias portuguesa e brasileira no século XX – Olhares cruzados. pp. 183-201. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra (2013), file:///Users/dianamartins/Downloads/20183494542104outfile.pdf.
14. Ramos, A. (org.): Aproximações ao livro-objeto: Das potencialidades criativas às propostas de leitura. Tropelias & Companhia, Porto (2017).
15. Ramos, A.: Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo. In: Rechou, Blanca-Ana R., López, I., Rodríguez, M. (coord.). O álbum na literatura infantil e xuvenil (2000-2010). pp. 13-40. Edicións Xerais de Galicia, Vigo (2011).
16. Rodríguez, J.: Vendredi ou Les Limbes du Pacifique: uma nova perspectiva do individualismo moderno na sociedade contemporânea. In: S/A. Acta Scientiarum. Language and Culture. pp.1-9. S/E, Maringá (2013), https://www.researchgate.net/publication/270086525_Vendredi_ou_Les_Limbes_du_Pacifique_uma_nova_perspectiva_do_individualismo_moderno_na_sociedade_contemporanea.
17. Romani, E.: Design do Livro-Objeto Infantil. Tese de Mestrado em design e Arquitetura. Universidade de São Paulo, Brasil, <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-11012012-115004/pt-br.php>.
18. s/n. Josêzito Pequeno. Majora, Porto (s/d).
19. s/n. Tão úteis os animais. Majora, Porto (s/d).
20. s/n. Um passeio do cordeirinho. Majora, Porto (s/d).
21. Sánchez, M.: ¡Pop-up! La arquitectura del libro móvil ilustrado infantil. Doutoramento em Arte na especialidade de Design. Facultad de Bellas Artes. Universidad de Granada, Espanha (2015), <http://digibug.ugr.es/handle/10481/49073#.WoAuKpOFi3W>.
22. Silva, S.: Livros formativos para pré-leitores: palavras (e)numeradas, palavras contadas. In Vasconcelos, A., Rodríguez, M. e Silva, S.. Primeiros livros Primeiras leituras. pp. 41-54. Tropelias & Companhia, Porto (2017).
23. Trebbi, Jean-Charles. El arte del pop-up. El universo mágico de los libros tridimensionales. Promopress, Barcelona (2012).